

Percepções epifânicas

*Rosa de Souza Oliveira**

RESUMO

No estudo que fizemos dos contos “Amor” de Clarice Lispector e “À sexta-feira” de Luandino Vieira concluímos que a epifania das personagens femininas foi despertada pelo “olhar”. Entretanto, parece-nos que a epifania poderia se dar também pelas outras formas de percepção, como o olfato, o tato, o paladar, que não somente a visão. No conto “O perfume” de Mia Couto, por exemplo, a personagem Glória tem um momento epifânico. E o que gerou essa epifania foi o tato com os cacos do vidro de perfume. No entanto, o próprio conceito de epifania já enfatiza o sentido da visão no processo perceptivo como principal elemento, quando diz que epifania é “revelação”. O que se revela, revela-se aos olhos, portanto há o desprezo dos outros sentidos. Com isso, intentamos criar para o termo epifania um conceito que considere o tato, o olfato, o paladar e a audição, se não no mesmo, pelo menos num patamar mais próximo ao da visão. Isso nos auxiliaria na ligação de todos os sentidos perceptivos aos momentos de revelação das personagens femininas dos contos dos autores que citamos.

A Dissertação de Mestrado que apresentamos teve como questão a presença da epifania estimulada pelo olhar das personagens femininas dos contos “Amor” de Clarice Lispector e “À sexta-feira” de Luandino Vieira.

Para tal investigação, utilizamos o conceito de epifania que está relacionado à literatura. A saber:

* Centro Universitário de Santo André, SP.

... uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação (...) Ainda mais especificamente em literatura, epifania é uma obra ou parte de uma obra onde se narra o episódio da revelação. (Sant'Anna, 1979)

A conclusão a que chegamos indicou que houve epifania das duas personagens, Ana e Nela, embora essa epifania se desse de forma diferente em cada conto.

Em "Amor", a epifania veio como um clarão através do olhar de Ana para o cego, mas o clarão foi momentâneo e a personagem voltou para seu estado inicial de mulher que estivera alienada do mundo.

No conto "À sexta-feira", a epifania também se deu através do olhar, todavia, o que o clarão revelou à personagem fez com que ela mudasse seu comportamento diante da luta política, que desencadeou a prisão do namorado.

Foi comum aos contos a epifania estimulada pelo olhar, ou melhor, os momentos de revelação se deram pelo sentido da visão.

Mas, poderia a epifania se dar por outras formas de percepção, como o olfato, o tato e o paladar, que não somente o olhar? E por que é tão comum que se associe percepção ao olhar?

Vejamos as palavras de Lúcia Santaella (1998):

Só no começo do século, é grande o número de teorias da percepção que surgiram. Em todas elas, no entanto, embora muitas vezes não de modo explícito ou consciente, tem havido uma tendência dominante de redução dos processos de percepção exclusivamente à visualidade (...), 75% da percepção humana, no estágio atual da evolução, é visual (...) Os outros 20% são relativos à percepção sonora e os 5% restantes a todos os outros sentidos, ou seja, tato, olfato e paladar. (p. 11)

Na leitura do livro *Estórias abensonhadas*, do autor moçambicano Mia Couto, deparamo-nos com o conto "O perfume". Nele há uma personagem feminina que também parece ter sua epifania, mas essa não é estimulada pelo olhar e sim pelo olfato e pelo tato.

A protagonista do conto é Glória, uma mulher que se entrega à rotina doméstica e a um marido ciumento:

... A mulher, subvivente, somava tanta espera que já esquecera o que esperava.
(p. 43)
... O homem sempre dela ciudara, quase ela nem podia assomar à janela, quanto mais. (Idem)

Um dia, o marido chegou trazendo um embrulho e dizendo que eles iriam a um baile. No pacote havia um vestido e Glória ficou sem jeito, não sabia o que fazer. Foi ao quarto e tentou pentear os cabelos, mas esses já estavam tão embaraçados que ela não conseguiu e lembrou das palavras de sua mãe sobre o fato de que uma “mulher preta livre” sempre sabe como ajeitar os cabelos. E Glória pensou: “Mas eu, mãe: primeiro, sou mulata. Segundo, nunca soube o que é isso de liberdade” (p. 44).

Em meio a esses pensamentos, Glória continuou se arrumando e pegou o vidro de perfume que ganhara do marido ainda no início do namoro. O líquido já havia evaporado, então a mulher o jogou pela janela, estilhaçando-o na calçada.

Os dois foram ao baile, lá um moço pediu para dançar com Glória e Justino consentiu. Ela achou tudo muito estranho, percebeu que o “marido estava a oferecê-la ao mundo” (p. 45). Quando Justino fez menção de sair, Glória parou de dançar e foi até ele, mas ele disse que ela não se preocupasse e que voltasse para a dança.

Justino foi embora, Glória voltou sozinha para casa e, sabendo que o marido a abandonara, nem teve forças para entrar, dormiu ali mesmo na calçada. Ao amanhecer, ela pensou ter sentido o cheiro do perfume (esquecera-se de que o frasco estava ali todo quebrado e exalando o cheiro) e teve esperanças de que fosse outro presente de Justino. Mas, quando correu para dentro, pisou nos cacos que estavam estilhaçados. E, “... Ainda hoje restam, no soalho da sala, indeléveis pegadas de quando Glória estreou o sangue de sua felicidade” (p. 47).

É como se Glória tivesse passado por um momento revelador que teve início quando, pela primeira vez, ela abriu o perfume e que se prolongou até o momento em que ela pisou nos cacos do vidro. Esse momento parece expressar à Glória sua real condição diante daquele homem.

A protagonista parece ter tido estígios em sua epifania. Foi percebendo as coisas que iam se revelando para ela, primeiro pelo olfato, depois pelo tato.

Entendemos que o momento epifânico é o momento perceptivo. Ele é o instante em que as personagens passam a conhecer e a se conhecerem.

De acordo com Santaella, para Pierce, a percepção é triádica. Em sua concepção a respeito da percepção ele foi além do conceito “dual” que concebe a percepção como “estar diante de algo, no ato de estar, enquanto acontece”. Pierce não se manteve nessa visão dualista e criou uma “teoria triádica da percepção”.

Segundo essa teoria o processo perceptivo ou semiose perceptiva passa por três fases para acontecer: “... 1) a consciência de uma qualidade imediata, 2) a compulsão que nos faz atentar para algo que se força sobre nós e 3) o fator de juízo, julgamento de percepção no qual todos os elementos se juntam” (p. 93-94).

Em outras palavras, para a percepção mesma, teremos a divisão em *primeiridade, secundidade e terceiridade*.

A primeiridade corresponderia à “consciência de uma qualidade imediata”, ela é quase como um julgamento da qualidade, mas esse não está no nível da consciência ainda. A primeiridade “é pura qualidade imediata do processo perceptivo que produz como efeito um sentimento de qualidade, simples, positivo, sem misturas”. Esse primeiro, ou seja, esse julgamento de percepção é determinado por um objeto dinâmico, esse objeto é o percepto, que já faz parte da secundidade. O objeto dinâmico é como algo que “se força sobre nós”, mas “não é guiado pela razão”, ou seja, ainda não tomamos conhecimento dele. É algo alheio à nossa vontade, que “se apresenta por conta própria”.

Na primeiridade, o percepto apresenta-se como uma mera qualidade, que vemos, sentimos, ouvimos, tocamos, mas da qual ainda não tomamos consciência, essa consciência virá apenas quando o percepto entrar na secundidade. Até então era apenas um julgamento de percepção, estimulado por uma qualidade qualquer que ainda não fazia parte da consciência, e pode ser associado ao momento em que Glória pegou o vidro de perfume. Então, entra a “dominância da secundidade”.

A secundidade acontece quando o objeto do percepto passa a fazer parte da consciência. A secundidade “significa interação existencial, espacial, contato físico”. Nela há uma “compulsão que nos faz atentar para algo que se força

sobre nós”, e pode associar-se ao momento em que ela sentiu o cheiro fraco do perfume e atirou-o pela janela.

Por fim, acontece a terceiridade do processo perceptivo (interpretante da percepção). A terceiridade é o próprio julgamento, porém, esse não é mais uma mera qualidade imediata percebida, é, sim, algo que passou pelo crivo da razão, é algo do qual tomamos consciência, é o próprio signo que foi sentido, analisado e, finalmente, julgado, e pode associar-se ao que chamamos de momento epifânico, quando ela estava na calçada e sentiu o cheiro mais forte do perfume e cortou-se nos cacos do vidro.

Na terceiridade surge o *percipuum*, que é o modo como o objeto é percebido, é o “percepto transformado em *percipuum*”. Mas,

... nós só somos capazes de traduzir o percepto em julgamento de percepção porque estamos equipados com esquemas, provavelmente inatos, que processam e traduzem aquilo que está fora em algo que tenha semelhança com os demais tipos de julgamentos que fazemos. (p. 94)

Somos dotados de esquemas interpretativos. Pode haver algo no mundo, mas se nossos esquemas não forem aptos para perceber esse algo, ele passará como se não existisse. Era o que acontecia com Glória, ela não percebia o que estava à sua volta, vivia sua rotina doméstica sem nem pentear os cabelos.

Para Pierce, a separação dos elementos que compõem a percepção é um mero “recurso analítico”, já que os elementos são simultâneos, conforme apresenta Santaella.

Na “lógica da interdependência dos elementos do processo perceptivo, ou melhor, da semiose perceptiva”, há coisas que já estão no mundo, ou seja, elas não dependem da nossa percepção para existirem, estão lá.

... Isto quer dizer: o som que ouço no rádio, enquanto escrevo, continua existindo independente de minha audição. E minha audição, no caso, não será nunca capaz de captar todos os traços e aspectos desse som.

(...)

Em síntese, perceber é se dar conta de algo externo a nós, o percepto. (p. 96)

É o que vimos com Glória, ela não percebia esse “algo externo” a ela, ex-

terno à sua vida rotineira, e que só foi percebido no momento de revelação, na sua epifania.

Para a percepção da personagem acontecer, houve a mediação *sígnica*. Com Ana e Nela, houve o “olhar”, *signo* visual que pode ser associado ao “percepto” sugerido por Pierce. Com Glória houve a mediação do *signo* olfativo e do *signo* tátil.

Podemos comparar o momento epifânico de Glória ao momento perceptivo no qual ela estava diante de algo sem percebê-lo, *primeiridade*. Esse algo se impôs a ela, *secundidade*, antes pelo *signo* do olfato do perfume – porém esse era um cheiro fraco e ela arremessou o vidro através da janela. Depois, novamente o *signo* do olfato volta, mas na *terceiridade*, juntamente com o *signo* do tato com os cacos que cortaram seus pés. Esse momento já é a *terceiridade*, que podemos ligar ao instante de total percepção da personagem e que é chamado de “felicidade” pelo narrador, completando, assim, o instante perceptivo. Entendemos que é nesse momento que a revelação se completa, é aí que há a total epifania de Glória, pois é nesse instante que ela toma consciência do que está externo a ela, toma consciência da real felicidade, que pode estar justamente na ausência do marido. Foi uma epifania dividida em três momentos, como vimos.

Mas, para tal análise concluir-se, repensamos o conceito de epifania. Como vimos, esse apenas reforça a ênfase dada à visão no processo perceptivo quando se diz que epifania é “revelação”. Ora, o que se revela, revela-se aos olhos, ou seja, há o clarão, e o clarão nós vemos.

Esse conceito, portanto, despreza os outros sentidos, o da audição, do tato, do olfato e do paladar. Talvez pudéssemos dizer que, na literatura, epifania é o momento em que personagens tomam consciência do que as cerca. Um instante em que os sentidos são aguçados e as personagens passam a perceber o mundo.

ABSTRACT

In the study that we made of tales "Amor" by Clarice Lispector and "À sexta-feira" by Luandino Vieira we concluded that Epiphany of the feminine characters was from result by the "look". However, the Epiphany could give itself for other forms of perception, as the smell, the touch, the taste, that not only the vision. In the tale "O perfume" by Mia Couto, for example, the character Glória has an 'epiphanic' moment. This Epiphany was begotten by the touch fragments of the perfume glass. But, the proper concept of Epiphany already emphasizes the sense of the vision in the perception process as main element when it says that Epiphany is "revelation". What revelation itself, revelation itself for the eyes. Therefore, there is the contempt other senses. Then, we intend to create for the term Epiphany a concept that considers the touch, the smell, the taste and the hearing, if not in same state, at least in the state next to the vision. This would to help ourselves in the linking of all the senses to the moments of revelation of the feminine characters of tales by the authors who we cited.

Referências bibliográficas

- CARMO, Paulo Sérgio do. *Merleau-Ponty: uma introdução*. São Paulo: Educ, 2000.
- COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. Lisboa: Caminho, 1994.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- OLIVEIRA, Rosa de Souza. *Olhares epifânicos; a epifania nos contos "Amor" de Clarice Lispector e "À sexta-feira" de Luandino Vieira*. São Paulo: FFLCH-USP, 2000.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTAELLA, Lúcia. *A percepção: uma teoria semiótica*. São Paulo: Experimento, 1998.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Laços de família e Legião estrangeira*. In: *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- VIEIRA, José Luandino. *Vidas novas*. Porto: Afrontamento, 1975.

